

PENSAMENTOS DE VYGOTSKY DIÁLOGO COM A OBRA: *UMA ESCOLA ASSIM, EU QUERO PRA MIM*, DE ELIAS JOSÉ

Gilvone Furtado MIGUEL¹

*Para os professores que aprenderam a
colocar alegria e criatividade no ato de
ensinar.*

ELIAS JOSÉ

RESUMO:

A influência dos postulados de Vygotsky na educação escolar atual tem reforçado a importância da formação integral do homem por meio do desenvolvimento social baseado no processo de interação entre os indivíduos, nas mais diversas situações sociais. O papel de mediador deve ser desempenhado pelo professor no ambiente escolar. A obra literária de Elias José exemplifica uma situação de sala de aula que permite a discussão desses postulados, à luz da teoria de Vygotsky.

Várias são as correntes teóricas que procuram explicar as questões - desafiadoras para o homem - sobre o conhecimento e a verdade. O ensino-aprendizagem da linguagem escrita é uma dessas questões.

Alguns pensadores realizaram experiências e estudos almejando esclarecer as questões básicas para a construção da linguagem oral e escrita e também para a organização do

¹ Professora da UFMT, Instituto de Ciências e Letras do Médio Araguaia, em Barra do Garças, MT. Mestranda em Letras e Linguística pela UFG.

pensamento. Dentre esses pensadores destacamos o russo Vygotsky.

Vygotsky, contando com a contribuição de seu grupo de pesquisa, deteve-se em propostas teóricas inovadoras sobre temas como: a relação entre pensamento e linguagem, natureza do processo de desenvolvimento da criança e o papel da instrução no desenvolvimento. Pode-se identificar na sua obra uma especial atenção à educação escolar, em coerência com a perspectiva histórica que se fundamenta na análise das condições concretas para o desenvolvimento de um determinado tipo de cognição.

Um dos princípios fundamentais de sua teoria é de que é preciso considerar pelo menos dois níveis de desenvolvimento do indivíduo: o real e o potencial. Acentua ele que há uma distância entre esses níveis, a qual ele denomina *zona de desenvolvimento proximal* (ZDP). Essa zona é definida pelos aspectos que estão em processo de constituição - ou seja, pelos *brotos* ou *flores* do desenvolvimento, em vez de *frutos*. Afirma o psicólogo russo que os *frutos* constituem o desenvolvimento real:

Essas funções poderiam ser chamadas de "brotos" ou "flores" do desenvolvimento, ao invés de "frutos" do desenvolvimento. O nível de desenvolvimento real caracteriza o desenvolvimento mental retrospectivamente, enquanto a zona de desenvolvimento proximal caracteriza o desenvolvimento mental prospectivamente. (Vygotsky, 1984, p.97)

Dentro dessa perspectiva teórica, se o ensino-aprendizagem estiver direcionado para a ZDP, o desenvolvimento se amplia, pois as habilidades que constituem a ZDP, num dado momento, tornam-se desenvolvimento real à medida em que se concretizam. Porém, o processo não cessa neste ponto, porque novas *zonas de desenvolvimento proximal* são criadas, permitindo, assim, o alcance de novas aprendizagens pelas capacida-

des em vias de realização. No entanto, se o ensino incidir além da ZDP, provavelmente a aprendizagem não ocorrerá, pois as condições prévias ainda não terão se estabelecido, o que implica em falta de ancoragem para o novo conhecimento: "A teoria do âmbito de desenvolvimento potencial origina uma fórmula que contradiz exatamente a orientação tradicional: o único bom ensino é o que se adianta ao desenvolvimento" (Vygotsky, 1988, p.113).

Quando o ensino-aprendizagem incide sobre a ZDP, a aprendizagem adquire caráter significativo, permitindo que o conhecimento aprendido possa ser utilizado nas mais diversas situações cotidianas.

Mediante esses pressupostos, deve-se colocar a metodologia do trabalho escolar, pensando propriamente na prática pedagógica do professor em sala de aula. Essa prática é o reflexo do conceito que o professor tem de homem, de sociedade, de educação etc. Deve ser uma prática que veja o homem como um ser ativo, capaz de enfrentar desafios e que deve ser estimulado por situações em que a discussão seja privilegiada como procedimento metodológico. Enfim, o objetivo norteador deve centrar-se na formação integral do homem.

A situação escolar que aqui vai ser discutida diante dos princípios educativos de Vygotsky, é retirada de uma obra de literatura produzida para crianças, de autoria de Elias José: *Uma escola assim, eu quero pra mim* (1994) (a ser identificada neste estudo pelo código EAQM). A obra da literatura infantil não está inserida neste contexto objetivando o público leitor infantil, como seria coerente inicialmente, mas foi selecionada visando a um trabalho com o público adulto, num contexto específico de formação profissional do educador. Por este motivo, aspectos exclusivos da qualidade artística (inquestionável) da produção da obra não serão discutidos nesta ocasião, pois o que se pretende é abordar questões relativas à linguagem, num processo interativo escolar, captadas pela literatura - o que muito bem

encaminha o aproveitamento da leitura junto aos educadores, num processo de inovação metodológica nos cursos de formação pedagógica que, não raras vezes, caem no teorismo inócuo.

O princípio geral que se coloca em destaque é a Educação numa perspectiva social e transformadora, em que o homem seja visto como um ser concreto, social, influenciado pelo meio e sujeito de ações/transformações sociais. Nesse âmbito, o professor é o mediador que promoverá a formação e o desenvolvimento desse homem. A teoria de Vygotsky identifica-se com uma tendência educacional de caráter mais social, mais dialético, mediada pela linguagem - a abordagem sócio-histórica.

Os subsídios teóricos para discutir a educação nos termos vygotkianos serão levantados na leitura das situações escolares reais ficcionalizadas no enredo de *Uma escola assim, eu quero pra mim*. Elias José conta as experiências de um garoto do campo que veio freqüentar a escola na cidade:

Rodrigo não falava como menino da cidade. Sabia histórias de caboclos, de animais e de plantas. Na escola era proibido falar diferente. Dona Marisa não admitia erros. Um belo dia, chegou dona Celinha. Com ela, as histórias, os desenhos, as poesias, o violão, invencionices que não acabavam mais. No lugar do medo, a espontaneidade. No lugar da proibição, a criação. Quem não quer uma escola assim? (EAQM-apresentação da editora-FTD).

Rodrigo, personagem de Elias José, enfrenta uma situação no meio escolar que é vivida por muitos de nossos alunos, não só por aqueles que, como ele, vieram da zona rural, como também pelos que vêm da periferia e, ainda, por aqueles que têm maiores dificuldades de adaptação à linguagem escolar e não conseguem estabelecer comunicação nesse contexto.

Dona Marisa, a professora, protagoniza, no primeiro mo-

mento, a pedagogia tradicional-conservadora em que o papel central é do professor e o ensino é supervalorizado diante da visão de que o aluno é um receptáculo vazio; a transmissão de um vasto número de informações tem extrema relevância:

De cara, levou um susto com a professora. Dona Marisa era grandona, feia, sabichona como ninguém. Azeda, sem sal nem açúcar. A barriga imensa, com uma criança dentro dela, tomava a dianteira. Ninguém podia errar que ela virava galinha choca. E os meninos e meninas, sabichões e bem vestidinhos, estavam sempre prontos para tirar sarro da cara de Rodrigo. (EAQM, p.7)

Toda a situação de constrangimento vivida por Rodrigo é acentuada pelas diferenças da linguagem, claramente perceptíveis quando tenta se comunicar:

— Eu truce, mas o di onti eu num consegui...
Nem acabou a frase e dona Marisa berrou:

— Repita: eu trouxe, mas o de ontem não
consegui. (EAQM, p.8)

As relações entre pensamento e linguagem - tema complexo da Psicologia - foi objeto dos estudos de Vygotsky por muito tempo. Para ele, a relação entre o pensamento e a fala passa por mudanças no decorrer da vida; esses elementos têm origens diferentes e se desenvolvem de forma independente, desde que a criança esteja inserida num grupo cultural e social. Para as crianças, as palavras e os signos são um meio de contato social com outras pessoas, por isso a conquista da linguagem representa um marco no seu desenvolvimento; pela linguagem se tem a expressão e a organização do pensamento. Quando a criança inicia seu convívio na escola, ela já passou pela etapa inicial de aquisição elementar da linguagem como instrumento

do pensamento e como meio de comunicação; na modalidade falada ela é capaz de associar pensamento e linguagem. O domínio da escrita passa a ser, então, seu objetivo ao freqüentar a escola. Rodrigo tinha essa expectativa bem clara para si quando veio para a escola: "Rodrigo veio do sítio para a escola, sem ter freqüentado o pré-primário. Veio doidinho para aprender a descobrir os segredos que havia no encontro das letras" (EAQM, p.7).

Nessa perspectiva, impõe-se uma grande distância entre o cotidiano do aluno e sua realidade social com os conteúdos e procedimentos didáticos; o predomínio da palavra do professor, das regras impostas e da transmissão verbal do conhecimento, é o que constitui a prática pedagógica de dona Marisa; o educando é colocado numa posição de passividade, devido a sua imaturidade e inexperiência no ambiente escolar letrado. Rodrigo é sensível a isso:

Ele não conseguia ler, escrever ou entender por que "Ivo viu a Eva. A Eva viu a uva. Didi deu um dado ao Dodó. A bola bateu bem na boca do Beto".

Tudo era tão chato e duro, pior do que dobrar a língua para falar problema.

Rodrigo chegava na casa da avó, com quem estava morando agora, triste e arrasado. Sentia-se menor, mais magrinho e ignorante. Queria desistir da escola, voltar para o sítio. Seria um retireiro feliz, como o seu pai. Bobagem da mãe, um luxo achar que quem não estuda sofre muito e não sabe quase nada da vida. Ele não sabia falar como doutor. Mas sabia tirar leite, cuidar das vacas, separar os bezerros, plantar e colher (EAQM, p.9).

Alguns dos postulados de Vygotsky dão sustentação a uma mudança na prática pedagógica do professor em sala de aula. Segundo o seu pensamento, para que o indivíduo se aproprie

do conhecimento, depende, além das próprias condições orgânicas, das relações sociais, das oportunidades de cultura e da história de seu grupo social. Isso é basilar para a justificativa das variações do conhecimento apropriado pela criança em contextos culturais diversos: "Qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia" (Vygotsky, 1984, p.94).

A situação de Rodrigo na escola - muito distante de atender a esse postulado - foi se tornando insuportável, ao ponto crucial de ele resolver abandoná-la, pois se sentia deslocado: "E os problemas se acumulavam, somavam com o ódio da escola, da professora e da turma" (EAQM, p.9).

O homem, para Vygotsky, é um ser social e histórico, que transforma o meio e é por ele transformado e deve estabelecer relações com o mundo, servindo-se das mediações presentes nele e no seu grupo sociocultural. Esse homem constrói a sua individualidade a partir da interação com o outro. A escola de Rodrigo negava-lhe essa oportunidade, até que um fato novo veio mudar tudo: uma nova professora, "dona Celinha, uma professora nova, bonitinha e muito alegre" (EAQM, p.11). Desde seu primeiro contato com a turma, ela deu mostras de interesse e respeito pela individualidade de cada um: "Quis saber o nome de todos, onde moravam, do que gostavam ou não na vida e na escola, quais eram as dificuldades" (EAQM, p.12).

Dona Celinha protagoniza o professor mediador entre o conhecimento sociocultural presente na sociedade e o aluno. Sendo, de acordo com Vygotsky, o processo de ensino-aprendizagem constituído com base na interação, o professor deve estar aberto às dúvidas, impasses, curiosidades, discutindo significados e ultrapassando limites: "E nos outros dias todos, dona Celinha lia histórias e poemas. Inventava sempre mil formas de ensinar. Um dia, distribuía fichas com sílabas para a turma montar palavras; outro, enchia a sala de propagandas coloridas para reconhecerem os nomes dos produtos anunciados" (EAQM, p.15).

A aprendizagem escolar não começa no vazio, pois, considerando que o desenvolvimento do homem tem início com o nascimento, há de se levar em conta que a criança, antes de chegar à escola, já constituiu parte de seu desenvolvimento e de sua aprendizagem. A partir da compreensão desse fato, é possível considerar os dois níveis de desenvolvimento apresentados por Vygotsky: o real e o potencial, e a *zona de desenvolvimento proximal*: "De acordo com esse conceito (ZDP), todo bom ensino é aquele que se direciona para as funções psicológicas emergentes" (Freitas, 1996, p.104).

O nível de desenvolvimento real pode ser definido como a capacidade que o homem já adquiriu de desempenhar tarefas de forma independente, correta e sem dificuldades. O nível de desenvolvimento potencial é constituído dos aspectos ou etapas do desenvolvimento que estão em curso, em fase de realização, num determinado momento.

Assim, na escola esses pressupostos devem orientar a prática pedagógica em dois passos junto ao aluno, ou seja, analisar o conhecimento já adquirido ou aprendido e definir os conceitos que estão em fase de aquisição e internalização. A escola deve dar oportunidade para que, por meio da interação, o aluno revele sinais externos do conhecimento já adquirido (real) e também do conhecimento a ser construído (potencial).

Alunos podem apresentar o mesmo nível de desenvolvimento real sem, no entanto, conseguir a mesma aprendizagem, ao mesmo tempo e da mesma forma que os outros: "É necessário ressaltar que, na abordagem vygotskiana, o que ocorre não é uma somatória entre fatores inatos e adquiridos e sim uma interação dialética que se dá, desde o nascimento, entre o ser humano e o meio social e cultural que se insere" (Rego, 1996, p.93).

A cultura, o grupo social e as relações sociais de Rodrigo influenciaram e determinaram o seu nível de desenvolvimento real: "O Rodrigo sabe (tocar e cantar). A avó dele me contou que ele canta nas festas todas do sítio. Canta e canta bem" (EAQM, p.19-0).

À medida em que Rodrigo se viu envolvido num processo de interação com seus companheiros de escola, processo esse mediado pela professora dona Celinha, passou a utilizar a linguagem, efetivamente, em sua função social e comunicativa: "Na outra Sexta de contar histórias, ele soltou a língua. Contou histórias vividas com caboclos, vacas, bezerros, família e plantas" (EAQM, p.21).

A linguagem é, assim, a expressão fundamental da interação social:

Na medida em que Vygotsky viu a aprendizagem como um processo essencialmente social - que ocorre na interação com adultos e companheiros mais experientes, onde o papel da linguagem é destacado - percebe-se que é na apropriação de habilidades e conhecimentos socialmente disponíveis que as funções psicológicas humanas são construídas. (Freitas, 1996, p.104)

Ao professor, na perspectiva escolar vygotskiana, cabe o papel de, além de permitir que elas ocorram, promover as interações sociais - por meio do diálogo, da cooperação, da troca de informações mútuas, do confronto de pontos de vista divergentes, da divisão de tarefas e responsabilidades - no cotidiano do contexto das salas de aula. O aspecto da heterogeneidade se impõe e exige respeito de todo o grupo em relação à diferença de ritmos, comportamentos, experiências, trajetórias pessoais, contextos familiares, valores e níveis de conhecimento de cada um, tornando, assim, possível a troca de repertórios, de visão de mundo e a ampliação das capacidades individuais.

No contexto escolar, as metodologias devem privilegiar a imitação realizada na brincadeira, pois a criança internaliza regras de conduta, valores, modos de agir e pensar de seu grupo social, que influenciam e orientam o seu comportamento e desenvolvimento cognitivo: "Então inventou um poema com as

palavras do tal mapa, usando outras só para ligação. Cada aluno quis fazer o seu poema. E foi um tal de poemar por muito e muito tempo, escrevendo, mostrando, lendo e ilustrando" (EAQM, p.17).

A atuação do professor - adulto mais experiente que deve promover a interação social por meio da diversidade de situações propostas - deve ser também de auxiliar na organização do espaço e do tempo, além de oferecer materiais ricos que possibilitem a descoberta do conhecimento e avanços no desenvolvimento individual. A incumbência de tornar acessível ao aluno o patrimônio cultural acumulado pela humanidade, por exemplo, a apropriação e o domínio da linguagem escrita, como é o caso de dona Celinha, a professora de *Uma escola assim, eu quero pra mim*, é um desafio para o educador. Na perspectiva do cumprimento de seu papel, as explicações, as demonstrações, as justificativas, as orientações, a promoção de situações que incentivem a curiosidade e o interesse das crianças, são fundamentais à permissão do aprendizado e do acesso ao conhecimento. No cotidiano da sala de aula é necessário que o professor estabeleça uma relação de diálogo e dê chances para que os alunos expressem aquilo que já sabem, como fez dona Celinha ao planejar e realizar atividades significativas e eficientes com seus alunos:

Punha no quadro os nomes de todos os alunos, e iam descobrindo outras palavras dentro deles. Começou com o A de Antônio, de Aline, de Amélia. E Amélia riu muito quando descobriram no seu nome: o mé que faz o cabrito, o mia do gato, o lia do leitor, o ama e ame dos namorados, o mela da bala, o má da cobra e os nomes da Lili, da Léia e da gatinha Mimi. Por fim, chegaram no R de Rodrigo. Ele achou que tinham amizade e simpatia ao achar palavras no seu nome.(EAQM, p.15-6)

Elias José configura a escola que a sociedade moderna quer e que responde às inquietações educacionais daqueles que tecem reflexões sobre o processo de ensino-aprendizagem. A escola idealizada privilegia o diálogo, valoriza a dúvida, estimula o questionamento, oportuniza a discussão, cria estratégias para o compartilhar de saberes. No seu ambiente há espaço para transformações, há respeito às diferenças, reconhecimento das contradições, incentivo à colaboração mútua e à criatividade; professores e alunos têm autonomia, pensam, refletem, são ativos em relação ao seu próprio processo de construção de conhecimentos.

A obra *Uma escola assim, eu quero pra mim* fornece um exemplo de um bem sucedido processo de interação social no contexto escolar, em que o aluno (Rodrigo) desenvolve-se devido à mediação da professora (dona Celinha), após ter enfrentado uma situação de completa marginalização durante a atuação da primeira professora (dona Marisa); esta, ao reassumir as aulas em sua turma, é impelida, em consequência da interação com seus alunos, a transformar-se e transformar o processo de ensino-aprendizagem que queria realizar. Nessa perspectiva, não somente os alunos avançaram em relação ao seu próprio desenvolvimento e também sobre o meio social, como também a professora: constituiu-se a base para novas aprendizagens e atuação social e pedagógica.

Os postulados de Vygotsky têm alcançado uma significativa repercussão nos meios educacionais, pois atendem à urgência do clamor por idéias abrangentes que possam contextualizar, fundamentar e orientar a realização de uma prática eficiente na formação do homem. Contudo, uma prática pedagógica consciente deve buscar apoio no exame minucioso de outras teorias e nas diversas áreas do conhecimento, não se limitando a uma única abordagem.

ABSTRACT

MIGUEL, Gilvone Furtado. Vygotsky's thought – A dialogue with the book: "A school as this one, I want for me", *Temporis(Ação)*, Goiás, v.1, n.4, jan./dez. 2000.

The main of this article is to discuss the complexity of professor activity in the teaching of history, because the historian function crosses with professor activity. In one hand, we have imposed challenges by the historian teaching, otherwise we have the matter that's linked to the quotidian of classroom.

BIBLIOGRAFIA

- FREITAS, M. Teresa de Assunção. *Vygotsky e Bakhtin – psicologia e educação: um intertexto*. São Paulo: Ática/EDUFJF, 1996.
- JOSÉ, Elias. *Uma escola assim, eu quero pra mim*. São Paulo: FTD, 1994.
- MOLL, Luis Carlos. *Vygotsky e a educação- implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- OLIVEIRA, Marta Kohl. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 1995.
- REGO, Teresa Cristina. *Vygotsky – uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- VYGOTSKY, Lev S. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone/Edusp, 1988.
- . *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- . *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.